

Atividades de campo no ensino de Geografia em Angola: análise da sua trajetória no contexto educativo nacional

Fernando Vianeque Agostinho¹ - Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9606-5786>

Adalberto Giral Gutiérrez² - Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1588-4411>

¹Instituto Superior de Ciências da Educação de Benguela, Angola*

²Universidad de Ciencias Pedagógicas Enrique José Varona, Cuba**

Artigo recebido em 20/11/2024 e aceito em 09/01/2025

RESUMO

Desde tempos remotos, as atividades de campo têm sido fundamentais para a compreensão dos conhecimentos geográficos, constituindo uma forma essencial de organização do ensino de Geografia, vinculando a teoria à prática. Contudo, o conhecimento sobre os seus antecedentes no ensino de Geografia em Angola é limitado, devido à escassez de estudos sobre o tema, o que representa uma lacuna na formação de professores desta área. Este estudo apresenta uma aproximação à trajetória das atividades de campo no ensino de Geografia em Angola, desde a época colonial até a atualidade. O objetivo é analisar a evolução das atividades de campo nas diferentes etapas do desenvolvimento educativo angolano, destacando os principais avanços e desafios. A metodologia do estudo adotou a revisão bibliográfica, a análise documental e a entrevista com um especialista cubano com amplo conhecimento sobre a experiência angolana no período pós-independência. A triangulação dos dados foi realizada para assegurar a validade e a confiabilidade dos resultados. Os dados recolhidos foram submetidos a uma análise crítica. Os resultados indicam que, durante o período colonial, a educação era elitista, com atividades de campo praticamente inexistentes. Após a independência em 1975 e as reformas educativas subsequentes, houve esforços para incluir conteúdos geográficos locais e metodologias práticas, mas o conflito armado até 2002 limitou essas iniciativas devido ao risco de ataques ou campos minados. Com a paz alcançada em 2002 e a Reforma Educativa de 2004, as atividades de campo passaram a integrar a política educativa e a constituir uma disciplina independente nos cursos superiores de formação de professores de Geografia. Portanto, apesar dos desafios históricos e políticos, as atividades de campo sempre constituíram uma prática essencial no ensino de Geografia em Angola, contribuindo para a aprendizagem de conceitos, habilidades e atitudes geográficas.

Palavras-chave: atividades de campo; ensino de geografia; formação de professores; Angola.

* Professor do Departamento de Ensino de Ciências Exatas e do Curso de Mestrado em Metodologia do Ensino Primário do Instituto Superior de Ciências da Educação de Benguela, e dos cursos de Mestrado em Ensino de Geografia do Instituto Superior de Ciências da Educação do Sumbe e do Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla, Angola. E-mail: fernandovianeke@gmail.com.

**Profesor de la Facultad de Ciencias de la Universidad de Ciencias Pedagógicas Enrique José Varona, Cuba. E-mail: adalbertoju@ucpejv.edu.cu.

Field activities in Geography education in Angola: analysis of their trajectory in the national educational context

ABSTRACT

Since ancient times, field activities have been fundamental for understanding geographical knowledge, constituting a crucial form of organizing Geography education by linking theory to practice. However, knowledge about their antecedents in Geography education in Angola is limited due to the scarcity of studies on the subject, which represents a gap in the training of teachers in this area. This study presents an approach to the trajectory of field activities in Geography education in Angola, from the colonial period to the present day. The objective is to analyze the evolution of field activities at different stages of Angolan educational development, highlighting the main advances and challenges. The study's methodology adopted a bibliographic review, documental analysis, and an interview with a Cuban specialist with extensive knowledge about the Angolan experience in the post-independence period. Data triangulation was performed to ensure the validity and reliability of the results. The collected data were subjected to critical analysis. The results indicate that during the colonial period, education was elitist, with field activities being practically nonexistent. After independence in 1975 and subsequent educational reforms, efforts were made to include local geographical content and practical methodologies, but the armed conflict until 2002 limited these initiatives due to the risk of attacks or landmines. With peace achieved in 2002 and the Educational Reform of 2004, field activities became part of the educational policy and constituted an independent discipline in higher education courses for training Geography teachers. Therefore, despite historical and political challenges, field activities have always been an essential practice in Geography education in Angola, contributing to the learning of geographical concepts, skills, and attitudes.

Keywords: Field activities; Geography education; Teacher training; Angola.

Actividades de campo en la enseñanza de Geografía en Angola: análisis de su trayectoria en el contexto educativo nacional

RESUMEN

Desde tiempos remotos, las actividades de campo han sido fundamentales para la comprensión de los conocimientos geográficos, constituyendo una forma esencial de organización de la enseñanza de Geografía, vinculando la teoría a la práctica. Sin embargo, el conocimiento sobre sus antecedentes en la enseñanza de Geografía en Angola es limitado debido a la escasez de estudios sobre el tema, lo que representa una laguna en la formación de profesores en esta área. Este estudio presenta una aproximación a la trayectoria de las actividades de campo en la enseñanza de Geografía en Angola, desde el período colonial hasta la actualidad. El objetivo es analizar la evolución de las actividades de campo en las diferentes etapas del desarrollo educativo angolano, destacando los principales avances y desafíos. La metodología del estudio adoptó la revisión bibliográfica, el análisis documental y la entrevista con un especialista cubano con amplio conocimiento sobre la experiencia angolana en el período post-independencia. La triangulación de los datos se realizó para asegurar la validez y la fiabilidad de los resultados. Los datos recogidos se sometieron a un análisis crítico. Los resultados indican que, durante el período colonial, la educación era elitista, con actividades de campo prácticamente inexistentes. Tras la independencia en 1975 y las reformas educativas subsiguientes, hubo esfuerzos para incluir contenidos geográficos locales y metodologías prácticas, pero el conflicto armado hasta 2002 limitó estas iniciativas debido al riesgo de ataques o campos minados. Con la paz alcanzada en 2002 y la Reforma Educativa de 2004, las actividades de campo pasaron a integrar la política educativa y a constituir una disciplina independiente en los cursos superiores de formación de profesores de Geografía. Por lo tanto, a pesar de los desafíos históricos y políticos, las actividades de campo siempre han constituido una práctica esencial en la enseñanza de Geografía en Angola, contribuyendo al aprendizaje de conceptos, habilidades y actitudes geográficas.

Palabras clave: Actividades de campo; Enseñanza de Geografía; Formación de profesores; Angola.

INTRODUÇÃO

Na história da educação são evidentes os traços do pensamento pedagógico que apontam para a importância do vínculo entre a teoria e a prática na formação do indivíduo. Entre vários eruditos desse pensamento destacam-se, entre outros, pedagogos como Vittorino de Feltre, Francisco Rabelais, Juan Amos Comenius, Juan Jacobo Rousseau e Juan Enrique Pestalozzi, que enfatizaram a importância de vincular o ensino com a realidade objetiva. Neste sentido, Comenius, em "Didática Magna", defendeu a ideia de que a educação deveria ser baseada no mundo natural e no contexto imediato dos alunos, incluindo montes, vales, rios e cidades, conforme o contexto educativo (Comenio, 1998), Rousseau, em "Emílio", enfatizou a importância de que os alunos aprendam observando os fenômenos naturais, com o foco em um ensino mais prático (Rousseau, 1982), enquanto Pestalozzi desenvolveu um sistema pedagógico que também valorizava a observação da natureza e o conhecimento da geografia local (Cuétara, 2010).

A disciplina de Geografia é, desde o seu enfoque epistemológico, uma área curricular que tem a observação direta como o método fundamental para a construção de aprendizagens significativas nos alunos. A Declaração de 1992 sobre Educação Geográfica enfatiza que a Geografia deve capacitar os alunos para perceber o próprio entorno, entender o mundo a partir do conhecimento prévio e compreender que os fenômenos espaciais resultam de processos socioeconômicos, sendo essenciais para a formação de cidadãos conscientes e críticos (International Geographical Union, 1992).

Neste sentido, as atividades de campo têm sido fundamentais para a compreensão dos conhecimentos geográficos, constituindo uma forma essencial de organização do ensino de Geografia, vinculando a teoria à prática. No entanto, o conhecimento sobre os seus antecedentes no ensino de Geografia em Angola é limitado, devido à escassez de estudos sobre o tema, o que representa uma lacuna na formação de professores desta área.

As atividades de campo adotam diferentes terminologias, como saídas de campo, aulas de campo, visitas de estudo, práticas de campo, trabalho de campo e excursões. Entretanto, os autores convergem quanto à sua finalidade, por constituírem uma forma de organização de ensino realizada fora do espaço habitual das atividades de ensino-aprendizagem, a sala de aula (Giral, 1998; Bosque, 2002; Dourado & Leite, 2016; Agostinho, 2017; Samba, Agostinho & Gutiérrez, 2022).

Por isso, neste trabalho, adota-se o termo atividades de campo como sinónimo de toda a terminologia que se refere às atividades realizadas fora da sala de aula com a finalidade de vincular a teoria à prática sob orientação do professor, conforme Bosque (2002) define para designar as excursões escolares docentes

como "uma forma de organização do processo de ensino-aprendizagem, que permite vincular a teoria com a prática em contato direto com os objetos, fenómenos e processos naturais e sociais, contribuindo para a integração dos conteúdos e o desenvolvimento integral dos alunos" Bosque (2002, p.49).

Este estudo apresenta uma aproximação à trajetória das atividades de campo no ensino de Geografia em Angola, desde a época colonial até a atualidade, com o objetivo de analisar a evolução das atividades de campo nas diferentes etapas do desenvolvimento educativo angolano, destacando os principais avanços e desafios. A escassez de estudos sobre este tema representa uma lacuna na formação de professores desta área, o que torna este trabalho ainda mais relevante para o contexto educativo angolano.

METODOLOGIA

A realização do estudo adotou uma abordagem qualitativa, centrada em uma compreensão da trajetória das atividades de campo no ensino da Geografia em Angola, abrangendo desde o período colonial até os dias atuais. Para alcançar esse objetivo, utilizou-se uma combinação de revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas com um especialista.

A revisão bibliográfica envolveu a análise de uma ampla gama de fontes secundárias, como teses, dissertações, artigos acadêmicos e publicações relevantes. De acordo com Marconi e Lakatos (2011), a revisão bibliográfica é fundamental para identificar os referenciais teóricos sobre um tema e estabelecer o referencial teórico. Foram selecionadas obras publicadas tanto em Angola quanto em outros países, proporcionando uma visão abrangente sobre o ensino de Geografia e as práticas de atividades de campo ao longo do tempo.

A investigação incluiu uma contextualização histórica e abrangente, examinando fontes desde o período colonial até os dias atuais. Neste sentido, Thompson (1988) destaca que a análise histórica é crucial para entender as dinâmicas de mudança ao longo do tempo e como os eventos passados influenciam o presente. Essa contextualização permitiu traçar uma linha do tempo das atividades de campo no ensino de Geografia em Angola, elucidando as transformações políticas, sociais e educativas.

A análise documental foi realizada para complementar a revisão bibliográfica. Conforme sugerido por Cellard (2010), a análise de documentos oficiais, como a Lei de Bases do Sistema de Educação, currículos, programas de Geografia e livros de texto, oferece uma compreensão profunda do contexto histórico e das políticas educativas. Esses documentos permitiram mapear as mudanças e continuidades no ensino de Geografia, destacando as diretrizes oficiais e a implementação das atividades de campo.

Para enriquecer a investigação realizada, realizou-se uma entrevista semiestruturada com um especialista cubano que tem amplo conhecimento sobre a experiência angolana no período pós-independência. Segundo Flick (2009), as entrevistas são fundamentais para obter subsídios ricos e contextuais acerca do objeto de estudo. A entrevista forneceu informações valiosas sobre as práticas de ensino de Geografia e os desafios enfrentados.

A triangulação dos dados foi realizada para assegurar a validade e a confiabilidade dos resultados. Denzin (1978) defende que a triangulação é uma estratégia metodológica que combina várias fontes de dados para obter uma visão mais completa. Para o efeito, cruzaram-se informações obtidas na revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas, garantindo a consistência dos resultados e construindo um panorama coerente acerca da trajetória das atividades de campo no ensino da Geografia em Angola.

Os dados recolhidos foram submetidos a uma análise crítica, identificando padrões e tendências nas práticas de ensino de Geografia no contexto angolano ao longo do tempo. Bardin (2011) explica que a análise crítica permite compreender as relações entre os diferentes elementos do fenómeno estudado. Para o efeito, considerou-se a realização das atividades de campo, a preparação metodológica dos professores e os impactos das políticas educativas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As atividades de campo no ensino da Geografia durante o período colonial

Durante a época de colonização portuguesa, o regime colonial limitava o acesso à educação escolarizada à população indígena, temendo que se revoltassem e realizassem insurreições. Assim, o ensino em Angola nesse período era caracterizado como elitista, e o conhecimento do contexto natural e social era interpretado como uma forma de rebelião contra as políticas do país colonizador.

Entretanto, em Portugal, país colonizador, as atividades de campo surgem em meados do século XIX. Segundo Félix (2010), "a consagração das visitas de estudo e excursões escolares ocorre a nível prático no final do século XIX, começando timidamente a se realizar no início do século XX" (p.49). Nesse período, destacam-se autores como Mouzinho da Silveira, Alexandre Herculano, Ramalho Ortigão e Bernardino Machado, que, influenciados pelas teorias positivistas, defendiam um ensino que progredisse do simples ao complexo e do concreto ao abstrato, em que a observação empírica fosse a base do conhecimento científico (Félix, 2010, p.32).

As excursões eram realizadas com o propósito de aproveitar o conhecimento das qualidades da história-pátria e eram obrigatórias tanto para o corpo docente quanto para os alunos (Félix, 2010, p.47).

Desde 1936, como referido em (Félix, 2010), por exemplo, as excursões passaram a ser obrigatórias nas escolas portuguesas, conforme estabelece o Decreto 27085, de 14/10/1936, em seu artigo 10.º do Capítulo II, relativo ao plano de estudos e de ação educativa:

1.º Nas visitas de estudo serão incluídos os museus e monumentos nacionais, com entrada gratuita e em entendimento com os respectivos directores. 2.º Nas visitas de estudo e excursões poderão ser aproveitados todos os momentos para o conhecimento das qualidades da história pátria, como motivo de instrução geral e de educação moral e cívica. 3.º As visitas de estudo e as excursões são obrigatórias para o pessoal docente e para os alunos (Félix, 2010, p.47).

Constata-se que a prática das excursões escolares só começou a se consolidar no início do século XX, marcando um ponto de análise importante nesta investigação. Esta contextualização mostra como as ideias positivistas influenciaram a educação em Portugal, enfatizando a importância da observação empírica. Essa evolução metodológica, embora incipiente no início do século XX, marca um ponto de transição importante na história educativa como país colonizador, para compreender as influências históricas e metodológicas no desenvolvimento das atividades de campo no ensino de Geografia em Angola.

O desenvolvimento das atividades de campo não teve o mesmo avanço nas colônias portuguesas, pois, naturalmente, os interesses eram outros, condicionando grandemente o processo de formação de cidadãos nesses países, a sua implementação foi significativamente limitada, refletindo os diferentes interesses coloniais e as profundas desigualdades no acesso à educação. Como considera Mondlane (1995), para o contexto moçambicano, outra colônia portuguesa,

O governo colonial pensava que seria bem-sucedido em sua política de colonização ao considerar o princípio de que a unidade política se baseia na unidade moral. Nos territórios portugueses, o ensino dos africanos tinha dois objetivos: formar elementos da população que atuariam como intermediários entre o estado colonial e as massas; e inculcar uma atitude de servilismo nos africanos educados (Mondlane, 1995, p. 56).

A partir de 1861, com a chegada do prelado católico, inicia-se, ainda que de maneira incipiente, o ensino de Geografia na província de Angola (conceito utilizado na época colonial). Destaca-se a “escola principal de Luanda, onde já se ensinavam algumas disciplinas que hoje fazem parte do ensino secundário (...) abarcava três disciplinas, entre elas a Geografia (Pátria e Geral)” (Santos, 1998, p. 239), o que demonstra a integração do estudo do país natal. No entanto, a percepção da realidade geográfica dos alunos, principalmente os nativos era distorcida, criando neles uma cultura de valorização da metrópole sobre a sua terra natal.

A partir de 1919, Angola passa a ter estabelecido o ensino secundário oficial e, por extensão, também o ensino técnico. “É criada a Escola Primária Superior que, em seu curso preparatório com duração de dois anos, orientava que [os alunos] deveriam estudar também os acidentes geográficos litorâneos de Angola, a influência e a orientação predominante dos ventos, correntes, entre outros” (Santos, 1998, p.257), destacando-se a incorporação do espaço circundante no ensino de Geografia dessa época.

Durante esse período, Segundo Santos (1998), o sistema educativo estava dividido em duas categorias: as escolas das missões católicas, cuja função principal era educar os africanos durante a instrução primária, e as escolas do governo, mais sofisticadas, destinadas aos brancos, asiáticos e assimilados. Essas escolas tinham como principal objetivo “(...) modernizar a agricultura e estabilizar as relações comerciais” (Nhongola, 2013, p.27). A atualização de 1931 nos programas de ensino secundário já ressaltava a importância das visitas de estudo e excursões escolares, evidenciando a realização dessas atividades. No entanto, não há informações detalhadas sobre como essas excursões eram implementadas na prática.

As escolas do governo eram claramente mais estruturadas e ofereciam um currículo mais completo, refletindo uma divisão educacional que perpetuava as desigualdades sociais e raciais da época. Por outro lado, as escolas das missões tinham um papel crucial na tentativa de integrar a população africana ao sistema colonial, ainda que de maneira limitada e com um enfoque em disciplinas que não desafiassem a ordem estabelecida.

É importante ressaltar que o ensino de Geografia na época colonial baseava-se na manipulação do conhecimento cartográfico, aproveitando-se do desconhecimento dos alunos na leitura e interpretação de mapas. A análise de alguns mapas utilizados nesse período mostra que, por exemplo,

Os mapas de Portugal eram representados em ponto de escala em relação aos mapas dos territórios colonizados, utilizando-se a grande escala para concretizar a ideia da 'grandiosidade da Metrópole' e a pequena escala para diminuir a importância das 'províncias ultramarinas', influenciando a análise e a conceituação dos alunos sobre os espaços representados (Claudino, 2009).

Nesse sentido, alguns nativos formados nessa época reclamavam das limitações do ensino de Geografia, caracterizado pela escassa vinculação com a realidade angolana. Isso pode ser percebido quando Ervedosa (1989, citado por Zau, 2009) menciona que,

Em 1948, aquelas crianças, filhas da terra e que se tornaram homens, tomam consciência de sua condição de angolanos e lançam o grito: 'Vamos descobrir Angola!'. O que tinham em mente? Estudar a terra que lhes fora vedada em todos os campos, desde a geografia física até a geografia humana. Eram ex-alunos do liceu (...) e, ao estudarem o mundo que os rodeia, o mundo angolano do qual fazem parte tão mal lhes

foi ensinado, surge a necessidade de uma literatura que (...) fosse verdadeiramente angolana (Zau, 2009, p.158).

No entanto, um elemento importante durante o período colonial são os notáveis estudos geográficos realizados na província de Angola, que se refletem no pensamento geográfico angolano. Destacam-se contribuições valiosas de David Livingstone (1813-1873), Frederick Welwitsch (1809-1878), Silva Porto (1817-1890), Hermenegildo Brito Capello (1841-1917), Serpa Pinto (1846-1900), Roberto Ivens (1850-1898), Norton de Matos (1867-1955), Otto Jessen (1891-1951), Mariano Feio (1914-2001), G. Soares de Carvalho, John Desmond Clark (1916-2002), Ilídio do Amaral (1926-2017) e Castanheira Dinis (1923-2008?), entre outros. Este último, cujos estudos continuaram após a independência de Angola, sistematizou um grande acervo sobre a geografia moderna angolana nas suas diversas áreas e relações. Entretanto, durante a época colonial, a população indígena teve acesso limitado aos resultados científicos das investigações científicas realizadas e sua repercussão no ensino, uma vez que o país colonizador português limitava o desenvolvimento cultural do povo, temendo o despertar de insurgências.

Os resultados dessa época foram utilizados para a exploração dos recursos naturais e a expansão colonial em todo o território angolano, com impactos muito limitados no ensino da época, especialmente para os nativos. No entanto, esses estudos constituem referências importantes para o estudo geográfico e muitos desses resultados científicos notáveis estão presentes nos conteúdos geográficos em diferentes níveis do Sistema de Educação e Ensino angolano, após a independência, devido ao seu valor científico e pedagógico.

Durante todo o período colonial, o ensino de Geografia caracterizou-se como uma forma de dominação do país colonizador. Naturalmente, as excursões escolares também foram afetadas, já que o conhecimento do espaço circundante e, de maneira geral, do país natal, era interpretado como uma forma de revolta contra as políticas do colonizador. Essas excursões, quando ocorriam, reforçavam a valorização da metrópole em detrimento do território local, contribuindo para uma visão distorcida da realidade geográfica por parte dos estudantes nativos.

Esse contexto histórico ajuda a compreender as dificuldades enfrentadas no desenvolvimento do ensino de Geografia em Angola, especialmente em relação às atividades de campo, que só começaram a se integrar de forma mais sistemática após as reformas educacionais subsequentes à independência. Mesmo com as atualizações feitas nos anos 30, a plena realização das excursões escolares e outras atividades práticas de campo enfrentou muitos obstáculos, refletindo as limitações impostas pelo regime colonial.

Desenvolvimento das atividades de campo no ensino da Geografia de 1975 a 2002

Com a independência alcançada em 11 de novembro de 1975, o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) assumiu o governo da República em meio a um conflito bélico interno, que devastou grande parte da infraestrutura e da riqueza nacional.

O MPLA adotou um novo Sistema de Educação inspirado no socialismo. “Com a proclamação da independência, o governo opta por um novo Sistema de Educação de inspiração socialista, promovendo maior acesso à educação, a gratuidade do ensino e o aperfeiçoamento contínuo do corpo docente” (André, 2010, p. 42), com o intuito de ampliar o acesso à educação, garantir a gratuidade do ensino e promover o aperfeiçoamento contínuo dos professores.

Para enfrentar a crise educacional, o governo angolano recorreu à cooperação internacional, destacando-se a contribuição de Cuba, que participou ativamente na formação de estudantes angolanos e no envio de professores cubanos para o país, tendo Angola recebido um número considerável de professores cubanos para fortalecer a formação interna.

A disciplina de Geografia, assim como outras, recebeu uma nova orientação nos conteúdos e no enfoque didático-metodológico, incluindo as excursões escolares como complemento da aprendizagem geográfica, embora a sua implementação tenha sido limitada devido às condições de segurança e à escassez de recursos provocadas pelo conflito armado.

De acordo com o professor Ramón Cuétara López, que esteve em Angola em missão internacional entre 1979 e 1981, na província do Kuanza-Sul, como Chefe do destacamento pedagógico internacionalista “Che Guevara”,

desde 1978, sempre houve a tendência de que as excursões escolares e trabalhos práticos em Geografia fizessem parte do processo de formação dos cidadãos angolanos, apesar das limitações de falta de professores nacionais e da insegurança causada pelo conflito. Houve muitos esforços, mas os problemas de emboscadas e minas constantes limitavam a execução dessas atividades, restringindo-as a trabalhos na localidade próxima às escolas (Cuétara, 2015, Comunicação pessoal).

Segundo o professor Cuétara,

os temas e epígrafes dos livros de Geografia elaborados pelo Ministério da Educação da República Popular de Angola, como os livros de Geografia do 7º e 8º anos (primeiro e segundo volume), serviam de orientação para os professores, substituindo o programa e as orientações metodológicas (Cuétara, 2015, Comunicação pessoal).

O Professor Cuétara também menciona que,

houve algumas excursões escolares realizadas com alunos do sétimo e oitavo ano, jovens e adultos, na zona litorânea de Ngunza (hoje Sumbe, capital da província do Kuanza-Sul), na localidade de Quicombo, nas margens do rio Queve e outros trabalhos práticos próximos às escolas, para a compreensão dos fenômenos naturais e sociais estudados em sala de aula” (Cuétara, 2015, Comunicação pessoal).

Nos livros de texto de Geografia elaborados pelo Ministério da Educação da República Popular de Angola (INIDE, 1990), é possível verificar um conjunto de tarefas práticas que envolviam a exploração do espaço circundante. Por exemplo, nos livros de Geografia do sétimo e oitavo ano, de 1978 a 1994, são propostas diversas atividades vinculadas à realidade dos alunos (tabelas 1 e 2).

Tabela 1 - Presença de atividades relacionadas à realidade no livro de Geografia da 7.^a classe (1978-1994)

Temas do Livro de Geografia	Orientações e atividades práticas relacionadas à realidade
Os Componentes da Natureza. As Paisagens Naturais	- Atividade: Certamente que perto do lugar onde você vive existe um rio ou riacho. Imagine o que aconteceria se esse rio ou riacho fosse desviado para outro local, bem mais longe.
Algumas Ciências que Apoiavam a Geografia	- Atividade: Observe o seu entorno e perceba que no espaço que sua vista alcança não estão presentes apenas os diversos componentes das paisagens naturais, como a vegetação ou os rios, mas também habitações, campos de cultivo, caminhos ou ruas, fábricas e outros testemunhos da atividade produtiva humana.
A Orientação no Terreno	- Exercícios sobre orientação e determinação dos pontos cardeais com uma estaca em diferentes momentos do dia; descrição de um trabalho realizado entre alunos e professores aplicando procedimentos de orientação no terreno. - Ilustrações sobre a orientação pelo sol, bússola, rosa dos ventos, relógio e estrelas. A determinação do horizonte visível. - Atividade: determine a direção e a distância de vários lugares ou objetos próximos da sua escola em relação a ela.
A Planta e a Escala	- Exercícios de representação à escala das distâncias de diferentes lugares e as direções em que se encontram em relação à escola. - Ilustrações de procedimentos para representar diferentes objetos no plano. Ilustração de uma planta da sala de aula. - Ilustrações da relação real entre paisagens e sua representação em forma de símbolos convencionais.

Temas do Livro de Geografia	Orientações e atividades práticas relacionadas à realidade
	- Ilustração de uma planta do local e área circundante onde teve lugar o I Congresso do MPLA e respetiva legenda. - Atividades: confeccionar a planta da sala de aula com uma escala de 1cm que equivale a 50cm. Indicar nessa planta onde se localiza seu assento. - Confeccionar a planta da área ou terreno ocupado pela escola, edifício escolar, outras instalações da área escolar, como campos de cultivo, esportivos, hortas. - Em que direção e a que distância se encontra o Palácio do Povo em relação ao local onde se realizou o I Congresso do MPLA? - Em que direção e a que distância se encontra o hospital Josefina Machel em relação ao jardim? - Informar-se com o Comissariado Municipal ou Provincial sobre a utilidade das plantas existentes. - Informar-se com as autoridades militares das Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLA) sobre a utilidade das plantas. - Identificar na planta da cidade onde se localiza a escola e outros edifícios importantes.
Representação do Relevo nos Mapas	- Descrição sobre um grupo de jovens que mediu a altura relativa e absoluta de um terreno durante uma excursão e os passos seguidos para isso. - Atividade: determinar, com a ajuda de um nível, a altura relativa de alguma elevação perto da escola.
Os Círculos Imaginários nas Representações Geográficas	- Atividade: localizar no planisfério o meridiano de Greenwich. Em que hemisfério se encontram as seguintes cidades em relação a este meridiano? Havana (capital de Cuba), Huambo (Angola). - Atividade: localizar Caripande no mapa de Angola, através das suas coordenadas.
Como se Forma o Relevo Terrestre	- Atividade: Tentar fazer a seguinte experiência: com dois livros, empurre lateralmente várias camadas de papelão, plástico grosso ou outro material semelhante. O que observa? Que tipos de montanha se formariam de maneira semelhante à experiência?
Terremotos e Vulcões	- Atividade: procurar em jornais, revistas ou através do rádio notícias sobre terremotos e reproduzir os fatos no caderno.

Temas do Livro de Geografia	Orientações e atividades práticas relacionadas à realidade
Atmosfera: Tempo Atmosférico	- Atividade: Com a ajuda do professor e do pessoal do observatório meteorológico nacional, construir uma pequena estação meteorológica na escola e, através de observações diárias, fazer um calendário do tempo atmosférico.

Fonte: Elaboração própria a partir do livro de texto de Geografia da 7.^a classe, Ministério da Educação, República Popular de Angola, INIDE, 1990.

Tabela 2 - **Vinculação com a realidade no tratamento dos conteúdos geográficos de Angola a partir do livro de texto de Geografia da 8.^a classe (1978-1994)**

Temas do Livro de Geografia	Orientações e atividades práticas relacionadas à realidade
Angola: Costas	- Atividades: Se vive em uma zona litorânea, procure saber quais são os principais acidentes costeiros da sua região. - Se vive no interior do país, procure fotografias da costa indicando a que local do litoral se referem.
Angola: Geologia e Relevo	- Atividades: Recolha diversas amostras de rochas que existem na sua região e as classifique. Tente descobrir a que unidade geológica pertencem as amostras de rochas. - Em casa, experimente fazer um modelo de relevo de Angola em uma caixa pequena com areia molhada ou qualquer outro material plástico.
Angola: Hidrografia	- Atividade: Descubra o nome dos principais rios da sua região, a que rede hidrográfica pertencem e como variam os respectivos caudais ao longo do ano.
Angola: Zonas Naturais	- Atividades: Imagine que vai fazer uma viagem pelo caminho de ferro de Benguela, do litoral à fronteira. Que zonas naturais se podem atravessar ao longo da sua viagem? Caracterize cada uma dessas zonas. - Componha um cartaz que, através de um pequeno texto e algumas ilustrações, chame a atenção para a necessidade de conservar e proteger a natureza em nosso país.
Angola: Divisão Administrativa	- Atividades: Desenhe em casa um mapa de Angola, marcando as 17 províncias existentes e as respectivas capitais. - Faça um pequeno trabalho sobre a província onde vive, organize tudo o que sabe sobre ela.

Temas do Livro de Geografia	Orientações e atividades práticas relacionadas à realidade
Angola: Principais Culturas e sua Localização Econômica	- Atividade: Em que medida a agricultura da sua região depende das condições do meio geográfico? - Faça uma relação das associações de camponeses de produção agrícola e unidades agrícolas estatais no seu município. A que culturas se dedicam? - Como é feita a pesca na sua região?
Angola: Principais Indústrias e sua Localização Econômica	- Atividade: Faça um pequeno estudo sobre as indústrias da sua região, procurando saber o que fabricam, as razões da sua localização, o destino dos produtos fabricados e a forma de propriedade. Verifique se sofreram transformações pós-independência e porquê?
Angola: O Comércio Interno	- Atividade: Elabore uma pequena investigação geográfica sobre como se organiza o comércio interno no local onde vive. Tente tirar conclusões gerais relativas a todo o país, com base no estudo efetuado.
Angola: O Comércio Interno	- Atividade: Visite diversas unidades de produção e descubra de que país provêm os meios de trabalho utilizados. Faça um levantamento nas lojas e pergunte de que país provêm os produtos vendidos.

Fonte: Elaboração própria a partir do livro de texto de Geografia da 8.^a classe, Ministério da Educação, República Popular de Angola, INIDE, 1990.

As evidências anteriores destacam a importância atribuída à incorporação de conteúdos geográficos no espaço circundante na disciplina de Geografia, mesmo em um contexto político, social e económico desafiador. No entanto, embora houvesse inúmeros esforços para a realização de atividades de campo, estas eram realizadas de forma muito limitada, devido à escassez de professores e à insuficiente preparação metodológica dos mesmos, a insegurança causada pelo estado de guerra, com problemas de emboscadas e minas terrestres, e o elevado número de alunos por turma, o que desafiava a execução dessas atividades em muitas escolas angolanas.

As atividades de campo no ensino da Geografia em Angola de 2002 à atualidade

A conquista da paz definitiva em 2002, o país adotou políticas educativas integradas que contribuíram para o desenvolvimento humano, a sociedade e a consequente redução das desigualdades sociais, com a educação desempenhando um papel fundamental nesse progresso. Em 2004, foi implementada a Reforma Educativa, reforçando os paradigmas contemporâneos do ensino-aprendizagem e a vinculação da teoria

com a prática, dentro de um currículo educativo declaradamente construtivista, onde se valoriza o papel do aluno como sujeito ativo no processo de ensino-aprendizagem.

Desde a Lei de Bases do Sistema de Educação, criada em 2001, declara-se:

(...) formar um indivíduo capaz de compreender os problemas nacionais, regionais e internacionais de forma crítica e construtiva para sua participação ativa na vida social (...); (...) desenvolver harmoniosamente as capacidades físicas, intelectuais, morais, cívicas, estéticas e laborais da jovem geração, de maneira continuada e sistemática, e elevar seu nível científico, técnico e tecnológico, a fim de contribuir para o desenvolvimento socioeconómico do país (Lei de Bases do Sistema de Educação de Angola, 2001).

Da interpretação da Lei de Bases do Sistema de Educação de Angola sublinha-se a necessidade de incorporar a realidade natural e social na educação, e evidencia o compromisso de preparar alunos para contribuir para o desenvolvimento socioeconómico do país. Neste contexto, a realização de atividades de campo em Geografia torna-se essencial para o conhecimento da realidade prática de forma crítica e construtiva.

A Lei de Bases de Educação aborda os objetivos de formação de professores, reafirmada na nova Lei de Bases da Educação e Ensino, destacando:

Formar professores (...) com o perfil necessário para a materialização integral dos objetivos gerais da educação nos diferentes subsistemas de ensino (...) com sólidos conhecimentos científicos, pedagógicos, metodológicos, técnicos e práticos; (...) desenvolver ações de atualização e aperfeiçoamento permanente dos professores (...) (Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino de Angola, 2016).

No plano de estudo das escolas de formação de professores, declara-se como uma das finalidades: "Formar professores que considerem o sistema educativo, a escola, a sala de aula e a comunidade envolvente como espaços de formação harmoniosa dos alunos" (Ministério da Educação, Angola, 2004, p. 8), diretrizes essenciais para o desenvolvimento ótimo da incorporação do contexto natural e social na escola mediante atividades de campo.

Segundo o documento anterior, a Geografia se associa à História, formando um professor com dualidade profissional para dirigir o processo de ensino-aprendizagem de Geografia e História na sétima, oitava e nona classes do primeiro ciclo do ensino secundário em Angola.

Nos programas de Geografia das escolas de formação de professores, refere-se que,

(...) a formação profissional na especialidade de Geografia requer um aprofundamento dos conhecimentos específicos já adquiridos, o que pressupõe o desenvolvimento de competências e capacidades científicas por parte dos formadores, de modo que possam

dirigir os programas da disciplina no Primeiro Ciclo do Ensino Secundário (Ministério da Educação, Angola, 2013, p.4),

Esses referenciais destacam a importância de que os professores de Geografia aprofundem os seus conhecimentos na disciplina e aprimorem as suas metodologias de ensino. Esse processo é fundamental para formar profissionais altamente qualificados, capazes de dirigir com competência o ensino-aprendizagem de Geografia.

Os programas de Geografia mencionam a realização de "trabalhos de campo, através de um tema centrado em um conteúdo, ou negociado entre os estudantes e os professores, incluindo o levantamento de problemas, recolha de informações e seu tratamento na forma de um relatório" (Ministério da Educação, Angola, 2013, p.11). Também refere que se realizem "visitas de estudo, (...) de acordo com um itinerário previamente estabelecido, (...) registo de dados, anotações e um documento síntese para defender as reflexões suscitadas" (Ministério da Educação, Angola, 2013, p.11), aspetos que ratificam as orientações para o desenvolvimento das atividades de campo pelos professores de Geografia.

No entanto, na prática pedagógica, a implementação das atividades de campo não alcançou uma mudança significativa, apesar das exigências dos documentos oficiais, devido às limitações dos professores e à insuficiente orientação metodológica dos programas, entre outros fatores.

No nível superior, particularmente nos Institutos Superiores de Ciências da Educação (ISCED), que formam professores para o ensino secundário, a reforma curricular implementada em 2004 introduziu novas disciplinas no plano de estudo da licenciatura em educação na área de Geografia (Universidade Agostinho Neto, 2004).

Os esforços para a incorporação de práticas de campo nos cursos de Geografia dos ISCED resultaram, em 2007, na elaboração de uma proposta de sistema de práticas de campo por componentes geográficos, com aplicação do segundo ao quarto ano, com a prática integral no último ano. Contudo, esta proposta não foi implementada como concebida, mas criou a necessidade da sua incorporação no processo de formação de futuros professores na área de Geografia.

Nos encontros realizados em 2008, os representantes dos ISCED do país introduziram nos planos de estudo do curso de Geografia as disciplinas Prática de Campo Integral I no terceiro ano e Prática de Campo II Integral no quarto ano, aspetos que, atualmente, refletem-se na preparação metodológica dos professores de Geografia de forma geral e, em particular, nas escolas de formação de professores em Angola. A introdução das disciplinas Prática de Campo Integral I e Prática de Campo II Integral nos planos de estudo dos cursos de Geografia dos ISCED, ratifica a relevância atribuída à formação prática no ensino de

Geografia. Estas disciplinas são fundamentais para garantir que os futuros professores estejam bem preparados metodologicamente para integrar as atividades de campo na prática educativa nos níveis inferiores do sistema de educação e ensino.

Nos anos mais recentes, as atividades de campo nos ISCED e nas escolas de formação de professores começaram a desenvolver-se, embora de maneira incipiente, caracterizadas pela espontaneidade e iniciativa individual dos professores para a sua realização, sob limitações económicas, técnicas e materiais, que condicionam o e seu efetivo desenvolvimento na escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento das atividades de campo no ensino de Geografia em Angola tem uma trajetória marcada por diferentes desafios e avanços. Durante a época colonial, o ensino era elitista, e o conhecimento pelos indígenas sobre o país era visto como uma ameaça às políticas coloniais. A educação em Geografia nesse período era distorcida, com a manipulação dos mapas geográficos para fins de dominação, e as atividades de campo eram escassas.

No período pós-independência até 2002, as atividades de campo que vinculavam o ensino ao contexto natural e social foram integradas nos livros de texto de Geografia, mas a sua implementação foi dificultada pela insuficiente preparação dos professores e pelo estado de guerra.

Após a Reforma Educativa de 2004, as atividades de campo começaram a ser introduzidas de maneira incipiente em diversos níveis de ensino, especialmente nos currículos de formação de professores de Geografia. Contudo, ainda existem limitações metodológicas, económicas, técnicas e materiais que impedem o seu desenvolvimento pleno nas escolas.

Portanto, é essencial que se promova uma formação metodológica permanente dos professores de Geografia, de modo a garantir que tenham as habilidades e conhecimentos necessários para integrar as atividades de campo de forma eficaz no currículo escolar.

A formação contínua dos professores visa não apenas a melhoria do ensino, mas também o fortalecimento do papel do aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem. Ao fazer isso, espera-se contribuir significativamente para a formação crítica e construtiva do cidadão, conforme delineado pela Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino de Angola.

A trajetória das atividades de campo no ensino de Geografia em Angola, desde a época colonial até a atualidade, apresenta lacunas significativas devido à escassez de estudos sobre o tema, o que limita o

conhecimento histórico e metodológico nesta área. Este estudo contribui para preencher essa lacuna, proporcionando uma compreensão aprofundada dos antecedentes e da evolução das atividades de campo na educação geográfica angolana.

Ao destacar as etapas históricas e as transformações metodológicas ocorridas ao longo dos anos, esta investigação oferece subsídios valiosos para a formação de professores de Geografia, além da abertura de campos investigativos para o aprofundamento desta temática em futuras investigações, promovendo uma melhor preparação metodológica e prática dos professores desta disciplina em Angola.

O estudo realizado ressalta a importância de compreender e valorizar a trajetória histórica e metodológica das atividades de campo no ensino de Geografia em Angola para formar profissionais qualificados que possam promover uma educação contextualizada na formação de professores para os desafios da educação geográfica alinhada aos desafios contemporâneos.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, F. V. **Estratégia Metodológica para la Preparación de los Profesores de Geografía en el Desarrollo de las Excursiones Docentes en la Escuelas de Formación de Profesores de Benguela, Angola** (Tesis de doctorado), La Habana: Universidad de Ciencias Pedagógicas “Enrique José Varona”, 2017.

ANDRÉ, R. H. **O ensino da História em Angola: Balanço (1975-2009) e prospectiva**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras. Universidade do Porto, Portugal. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/57329/2/tesemestrebecaandre000124633.pdf>. 2010.

ASSEMBLEIA NACIONAL DA REPÚBLICA DE ANGOLA. **Lei de Bases do Sistema de Educação**. Luanda, Angola, 2001.

ASSEMBLEIA NACIONAL DA REPÚBLICA DE ANGOLA. **Lei de Bases do Sistema de Educação e Ensino**. Luanda, Angola, 2016

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BOSQUE, R. S. **La excursión docente. Una propuesta para el perfeccionamiento de su realización** (Tesis Doctoral). La Habana: Instituto Superior de Ciencias Pedagógicas “Enrique José Varona”, 2002.

CELLARD, A. **A análise documental**. In J. Poupart et al., A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos (pp. 295-316). Petrópolis: Vozes, 2010.

CLAUDINO, S. **O ensino da Geografia em Portugal: tradições e desafios**. Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa. Disponível em: <http://geoforoiberoamericano.blogspot.com/2009/06/o-ensino-da-geografia-em-portugal.html>, 2009

COMENIO, J. A. Didáctica Magna. Octava edición. Editorial Porrúa. Av. República Argentina, 15. México, 1998.

CUÉTARA LÓPEZ, C. R. **Comunicação pessoal** (Havana, Cuba, 11 de setembro), 2015.

CUÉTARA, R. **La Geografía Local En la Escuela Cubana**. La Habana: Universidad de Ciencias Pedagógicas Enrique José Varona. (Libro electrónico), 2010.

DENZIN, N. K. **The research at: A theoretical introduction to sociological methods** (2ª ed.). Nova York: McGraw-Hill, 1978.

FÉLIX, I. F. **Herança e cidadania: Visitas de estudo, excursões escolares e educação estética na formação dos jovens escolares portugueses (1894-1960)**. Dissertação de Mestrado em Educação Artística. Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Portugal. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/2574>, 2010

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa** (3ª ed.). Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIRAL, G. A. **Sistema de excursiones escolares para Geografía Física Escolar en Cuba** (Tesis Doctoral). Instituto Superior Pedagógico “Lenin de Moscú”, Moscú, 1988.

INTERNATIONAL GEOGRAPHICAL UNION. **Declaração sobre Educação Geográfica**, 1992.

MARCONI, M. A., & LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica** (7ª ed.). São Paulo: Atlas, 2011.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Angola. **Geografia. Ensino básico 7.ª classe**. INIDE. RPA, 1990.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Angola. **Geografia. Ensino básico 8.ª classe**. INIDE. RPA, 1990.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, Angola. **Plano de Formação de Professores do 1º Ciclo do Ensino Secundário**. 1ª edição. INIDE. Angola. Ministério da Educação, Angola. (2013). Programas de Geografia 10ª, 11ª e 12ª classes. Formação de Professores do 1º ciclo do ensino secundário. INIDE. Editora Moderna, S.A. 2ª edição. Luanda, Angola, 2004.

MONDLANE, E. **Lutar por Moçambique**. Maputo: Nosso Chão, 1995.

NHONGOLA, G.C. **Concepción científica para la gestión pedagógica y didáctica del proceso docente-educativo en la Universidad de Lueji A'nkonde de la República de Angola** (Tesis Doctoral). Universidad de Pinar del Rio. Pinar del Rio, Cuba, 2013.

ROUSEAU, J. J. **El Emilio**. La Habana: Editorial Pueblo y Educación., 1982.

SAMBA, D. L., AGOSTINHO, F.V. & GUTIÉRREZ, A.G. **Atividades de campo no ensino da geografia: Percepção dos Alunos do Magistério Mwene Vunongue, Menongue**. Revista Sol Nascente, Huambo: CISN, 2022.

SANTOS, M. **Cultura, educação e ensino em Angola (Edição eletrónica)**. Braga, Portugal. Disponível em <http://reocities.com/Athens/troy/4285/ensino.zip>, 1998.

THOMPSON, P. **The voice of the past: Oral history**. Oxford: Oxford University Press, 1988.

UNIVERSIDADE AGOSTINHO NETO. **Ata da reunião para a uniformização dos planos de estudo e programas dos ISCED**. (Luanda, 13-14 de maio de 2004), sob a presidência da Doutora Suzanete Costa, Vice-Reitora para os Assuntos Académicos da Universidade (não publicado), 2004.

ZAU, F. **Educação em angola novos trilhos para o desenvolvimento**. Luanda: Movilivros, 2009.